

PÓS-MODERNIDADE E CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Antonio Marcondes dos Santos Pereira¹

Frederico Jorge Ferreira Costa²

José Deribaldo Gomes dos Santos³

Resumo

O presente artigo tem como propósito principal desenvolver um debate introdutório sobre a polêmica da pós-modernidade, situando os autores e as questões centrais que evidenciam as determinações essenciais e as definições categoriais que se faz dessa corrente de pensamento num contexto histórico que compreendemos perpassado, por uma crise estrutural do capital. Nesse sentido, objetivamos evidenciar a questão da pós-modernidade e seus pressupostos teóricos basilares. Ao situar a pós-modernidade nas polêmicas do debate teórico, buscamos destacar o nosso propósito nesta investigação: compreender o pensamento pós-moderno e sua relação com o contexto da crise estrutural do capital atual, pois o pensamento pós-moderno, baseado em análises subjetivistas autorreferenciadas, nega a existência de uma essência ontológica da realidade em-si, se rebaixando dessa forma ao cotidiano e, produzindo um conhecimento não-sistemático acerca do real, buscando pelo “olhar” relativizar o realmente existente a partir do pluralismo metodológico do paradigma dos *jogos de linguagem* que interpreta o real como um construto discursivo, o que acaba legitimando a ordem do capital.

Palavras-chave: Pensamento. Pós-modernidade. Crise estrutural do capital.

1. Pós-modernismo e pós-modernidade: uma introdução

Ao iniciarmos o debate sobre as definições e os significados da pós-modernidade, antes temos que distinguir tal conceito, mesmo que brevemente, de seu homônimo, o pós-modernismo. Jair Ferreira Dos Santos (2012, p. 19), escreveu na segunda metade da década de 1980 que a definição de pós-modernismo é incompleta, visto que é ausente de uma definição precisa. Para ele é um “ecletismo”, uma mistura de várias tendências e estilos sob o

1Graduado em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC-UECE) Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista de produtividade científica da FUNCAP e pesquisador colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário- IMO. E-mail: [antonio-marcondes_pereira@yahoo.com.br](mailto:antonio-marcondes-pereira@yahoo.com.br)

2Professor da Faculdade de Educação de Itapipoca-FACEDI/UECE / do Programa de Pós-graduação em Educação da UECE /do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social-MASS/ UECE e pesquisador /colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário-IMO. frederico1917@yahoo.com.br

3Professor da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/UECE, do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UECE; do Mestrado Acadêmico Intercampi FECLESC-FAFIDAM-UECE e pesquisador/colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO. deribaldo.santos@uece.com

mesmo rótulo; além de ser destituído de unidade “[...] é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia”. Santos (2012, p. 19), indaga, ironicamente, que tal conceito poderia abarcar questões do meio ambiente, da moda. Mas, para dor nos corações dogmáticos, embora seja recoberto de charme, o pós-modernismo flutua ainda no “indecidível” (SANTOS, 2012). Eagleton (1998, p. 7), contudo, diferencia os dois conceitos da seguinte maneira: a palavra *pós-modernismo* se refere, de um modo geral, “a uma forma de cultura contemporânea”, enquanto que *pós-modernidade* se refere a um contexto histórico específico.

Sustentamos, com base em pesquisa de Santos e Costa (2012), que no terreno do contexto de crise estrutural do capital, estaria fertilizada a condição propícia para que o triângulo *globalização*, *neoliberalismo* e *pós-modernidade* surgissem como os paradigmas de um ressignificado *novo tempo*. Segundo a pesquisa acima citada, encoberta sob o pretexto da 3ª Revolução Industrial, os desdobramentos essenciais da crise forjaram modificações importantes na esfera produtiva, o que motivou a “se adaptar às novas regras do processo de acumulação do capital. No interior da indústria, tais modificações reverberam questionando o aspecto vigente da formação dos trabalhadores” (Santos e Costa 2012, p. 12). Portanto, a contemporaneidade está marcada, fundamentalmente, por uma crise sistêmica sem precedentes na história humana. Contudo, apesar das flagrantes brutalidades vividas pelos trabalhadores em seu cotidiano, ideologias legitimadoras da ordem vigente tentam dissimular o momento de instabilidade geral, elaborando teorias que reforçam a perspectiva de construção de falsas noções sobre a realidade objetiva assentada no capitalismo em crise.

O pensamento pós-moderno ao lado da chamada globalização e do neoliberalismo, ainda conforme Santos e Costa (2012), arvoram-se como os três vértices do triângulo que sustenta a atual fase do capitalismo. Para essa análise, a parcela reservada à teoria pós-moderna, seria a de “garantir, pela via *teórico-acadêmica*, a crença de que o máximo que os chamados excluídos (as minorias) podem fazer é organizar-se em suas particularidades – étnica, racial, de gênero, entre outras⁴. Nesse sentido, com o mundo universitário invadido pela (des)razão, os cursos de formação de professores tomam como verdade única o sofisma fato de que a humanidade experimenta *novos tempos* de realizações extraordinárias em todos

4Os autores reconhecem “como legítimos os movimentos sociais que lutam em defesa das ditas minorias e procuram avançar em conquistas pela via da política pública”. Eles citam Nesse ponto, citam James Petras para indicar “não haver por parte dos intelectuais revolucionários desde os movimentos sociais étnicos e de classe, tais como a Conferência das Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie), os cocaleiros na Bolívia, os zapatistas no México e os movimentos rurais de classe como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil” [...]. O que não se pode defender, todavia, concluem Santos e Costa (2012, p. 25): “é o desvinculamento desses movimentos da questão maior: a luta de classe”.

os campos de atividades humanas, fruto do avanço tecnológico que fomenta novas descobertas em áreas do saber científico e, por conseguinte, engendra novas formas de organizar o modo de produção material gerando, desse modo, uma riqueza nunca vista antes na face da terra.

Precisamos voltar a Santos (2012) para entender que, historicamente, o surgimento do pós-modernismo se situa por volta 1955, mas aparece definitivamente no debate a partir da década de 1960. Paralelo a esse estabelecimento, inúmeras realizações provocaram impactos nas ciências, sobretudo nas da natureza, nas artes, nas tecnologias, o que provoca modificações na forma de pensar de indivíduos, alterando a sociedade como um todo. Esse suposto novo cotidiano é marcado fortemente pela influência da tecnociência materializada em produtos marcados pela “biotecnologia”, “medicina nuclear”, entre outras tantas evoluções advindas da ciência. Nesse contexto, os indivíduos seriam levados pela *publicidade* e pela *mass media* a “consumir num pique de liberação e personalização”, desencadeando o nascedouro de concepções que “começaram a delinear um ambiente e condição inéditos para o homem”, deixando “perplexos” muitos analistas sociais, principalmente americanos, que resolvem batizar tal quadro de era pós-moderna (SANTOS, 2012, p. 20-21).

Sérgio Paulo Rouanet (1987), por seu turno, informa que foi na esfera da estética e nas manifestações artísticas como um todo que tal teoria tem sua expressão predominante. O termo pós-modernismo, segundo indica esse autor, aparece pela primeira vez na literatura, quando, em 1934, Frederico Onís, em sua antologia poética hispano-americana, inaugura a expressão. Nesse sentido, no campo das “artes plásticas, por sua vez, o termo surge nos anos 1950 e 1960, ecoado por Andy Warhol como seu maior porta voz”. Já entre os anos de 1960 e 1970, os teóricos que debatiam música, “baseados principalmente nos movimentos Punk e New Wave, passam a utilizar a expressão”. Por sua vez, “na arquitetura, a utilização da terminologia pós-modernidade para designar oposição à funcionalidade da modernidade é datada de 1945” (SANTOS; COSTA, 2012, p. 21).

Afirmamos também, que a contemporaneidade está marcada, fundamentalmente, por uma crise sistêmica sem precedentes na história humana, uma crise estrutural do capital. Contudo, apesar das flagrantes brutalidades vividas pelos trabalhadores em seu cotidiano, ideologias legitimadoras da ordem vigente tentam dissimular o momento de instabilidade geral, elaborando teorias que reforçam a perspectiva de construção de falsas noções sobre a realidade objetiva assentada no capitalismo em crise, notadamente, o pensamento pós-

moderno cumpre essa função. Nesse sentido, quais são as características essenciais da crise estrutural do capital?

Sobre esse debate o filósofo marxista húngaro, István Mészáros (2011) propõe uma reflexão radical e profunda, capturando as determinações essenciais do que ele chama de *crise estrutural do capital*. Afirmo o filósofo marxista que hoje estamos vivendo “numa época de crise histórica sem precedentes”. A sociedade capitalista passa por sua crise mais profunda da história. O modo produção capitalista atingiu os seus limites absolutos e, para reestruturar a sua produtividade se define “por meio do imperativo de sua implacável autoexpansão alienada” como *produtividade destrutiva*. Tudo que o capital encontra pelo caminho destrói sem cerimônia, diz Mészáros.

Assim assinala o autor:

Todo sistema de reprodução sociometabólica tem seus limites intrínsecos ou absolutos, que não podem ser transcendidos sem que o modo de controle prevalente mude para um modo qualitativamente diferente. Quando esses limites são alcançados no desenvolvimento histórico, é forçoso transformar os parâmetros estruturais da ordem estabelecida – em outras palavras, as “premissas” são objetivas de sua prática – que normalmente circunscrevem a margem global de ajuste das práticas reprodutivas viáveis sob as circunstâncias existentes (MÉSZÁROS, 2011, p. 216, aspas do original).

Nesse sentido, o sistema sociometabólico do capital não tem limites para sua expansão destrutiva e incontrolável, com sua produtividade voltada para a “autorreprodução ampliada”, ao contrário do que ocorria nos modos de organização social anteriores, onde de certa forma, buscava-se a satisfação das necessidades sociais, pois, nessas sociedades “a organização e a divisão do trabalho tinham que ser diferentes [...]” porque “o valor de uso e a necessidade exerciam funções reguladoras decisivas” (MÉSZÁROS, 2011, p. 606). A crise estrutural do capital hoje apresenta uma “novidade histórica” e que se manifesta em quatro pontos principais. A partir da lente de Santos e Costa (2012) destacamos como: 1-) seu caráter é universal, não se restringindo a uma única esfera do setor particular da produção; 2-) seu alcance é indiscutivelmente global, não se limitando a uma determinada região ou alguns países do mundo; 3-) sua escala de tempo é extensa, constante, em vez de limitada e cíclica com ocorreram em crises anteriores e 4-) em contraposição com as explosões e os colapsos mais retumbantes do passado, seus processos podem ser considerados como rastejantes.

Complementando essas referências sobre as determinações essenciais da crise estrutural do capital, sugerimos também a leitura de Ricardo Antunes (2003) que interpretando o texto de Mészáros aponta os aspectos caracterizadores da crise atual tais como:

a queda acentuada das taxas de lucro; colapso do paradigma de acumulação taylorista-fordista de produção; aumento excessivo da esfera da especulação financeira; crescimento significativo da concentração de capitais; crise do Estado de bem-estar social e dos seus referentes de funcionamento e a expansão acentuada das privatizações (ANTUNES, 2003). Esta síntese evidencia a dimensão da crise estrutural do capital, mostrando em linhas gerais, o conjunto de fatores sob os quais essa crise perpassa a sociedade hoje.

Podemos compreender, de um modo geral, que o sistema sociometabólico do capital em sua fase de crise atual, apresenta aspectos que evidenciam claramente que seu objetivo principal é a busca incontrolável pelo lucro a todo custo, num processo que é marcado fortemente por uma lógica destrutiva. Esta é a tendência que expressa a característica essencial do capitalismo contemporâneo. De acordo com Mészáros, uma das principais estratégias de recomposição do ciclo reprodutivo do capital, está baseada na tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, ou seja, a redução da vida útil dos produtos. Este segundo o autor, constitui um dos pilares fundamentais pelo qual o sistema do capital, vem conseguindo atingir um incomparável crescimento ao longo do tempo histórico. Podemos compreender, de um modo geral, que o sistema sociometabólico do capital em sua fase de crise atual, apresenta aspectos que evidenciam claramente que seu objetivo principal é a busca incontrolável pelo lucro a todo custo, num processo que é marcado fortemente por uma lógica destrutiva. Esta é a tendência que expressa a característica essencial do capitalismo contemporâneo. Assim, para Mészáros, uma das principais estratégias de recomposição do ciclo reprodutivo do capital, está baseada na tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, ou seja, a redução da vida útil das produtos. Este segundo o autor, constitui um dos pilares fundamentais pelo qual o sistema do capital, vem conseguindo atingir um incomparável crescimento ao longo do tempo histórico.

Cabe ressaltar então que:

Nesse sentido, o que é verdadeiramente vantajoso para a expansão do capital não é um incremento na taxa (ou no grau) com que uma mercadoria – por exemplo, uma camisa – é utilizada e sim, pelo contrário, o decréscimo de suas horas de uso diário. Enquanto tal decréscimo for acompanhado por uma expansão adequada do poder aquisitivo da sociedade, cria-se a demanda por outra camisa. Ou seja, em termos mais gerais, se a taxa de *utilização* de um determinado tipo de mercadoria pudesse ser *diminuída* de, digamos, 100% para 1%, mantida constante a demanda por seu uso, a multiplicação potencial do valor de troca seria correspondentemente centuplicada (isto é, assumiria a estonteante figura de 10.000%). De fato, essa tendência de reduzir a taxa de utilização real tem sido precisamente um dos principais meios pelos quais o capital conseguiu atingir seu crescimento

verdadeiramente incomensurável no curso do desenvolvimento histórico (MÉSZÁROS, 2011, p. 661, *itálicos do original*).

Fica claro dessa forma, que o capitalismo contemporâneo estabeleceu uma separação profunda entre a produção voltada para o atendimento das necessidades sociais e as necessidades de sua autorreprodução expansionista. O corolário desse processo é uma sociedade arraigada em uma competição desenfreada e aviltante, na precarização do trabalho e das relações humano-sociais, da destruição da natureza e do absurdo estranhamento entre as pessoas, resultando nas mais abomináveis formas de violência: miséria, fome, desemprego crônico, morticínios, destruição da natureza etc.

Dito isso, todavia, compreendemos que para capturar as determinações essenciais da pós-modernidade em seu conjunto é, necessário percorrer a seara das polêmicas que envolvem essa corrente de pensamento, na tentativa de clarificar os seus fundamentos, pois, a ideia de que vivemos em uma época pós-moderna não é admitida de forma unânime. Refletir sobre esse tema, objetivo específico do presente artigo, exige interpretações conflitantes.

2. Situando a pós-modernidade: *abrindo a polêmica*

Para iniciar nossa reflexão, reportamo-nos a um conjunto considerável de autores, a exemplo de, Lyotard (1998), Havey (2012), Rouanet (1987), Eagleton (1998), Netto (2010), Santos (2012), Costa (2012) entre tantos outros, cada um a seu tempo e termos específicos, que indicam, do ponto de vista teórico, ser a pós-modernidade uma corrente de pensamento que se constituiu sobre a pretensão de fazer uma crítica à modernidade. Essa crítica se evidencia de forma mais manifesta contra a razão iluminista, contra o progresso, contra a possibilidade da emancipação humana e a universalização dos valores culturais construídos historicamente pelo trabalho social e contra as grandes narrativas. Com efeito, a referida pós-modernidade está associada à decadência das grandes ideias, valores e instituições ocidentais erigidas na modernidade” tais como, por exemplo, “Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Totalidade, Ciência, Sujeito, Consciência [...]” (SANTOS, 2012, p. 71).

A nossa revisão de literatura sugere que na origem da desconstrução dos valores e na gênese do ataque conta os princípios da modernidade ocidental tem em comum o filósofo Friedrich Nietzsche. Tendo como base a crítica niilista, esse autor foi quem iniciou o avanço do irracionalismo como pressuposto teórico que embasará a ofensiva pós-moderna e sua declaração da morte do homem, da história, do sujeito. É Nietzsche, portanto, o responsável por abrir o caminho teórico para a pós-modernidade. Jair Ferreira dos Santos

(2012) destaca que os escritos do filósofo alemão foi recuperado na década de 1970 e, a partir desse ponto, continuou em evidência no mundo acadêmico. Segundo este autor, Nietzsche já era um pós-moderno no fim do século XIX e, teria tocado fundo em questões atuais como o “nihilismo, a desvalorização dos valores supremos, o desencanto com a vida”.

Tentando entender o assalto sofrido pela razão, Lukács (1959) desenvolve uma crítica teórica que evidencia os fundamentos do irracionalismo e a contestação da razão moderna, demonstrando a relação direta desses fenômenos com o contexto histórico da Alemanha do período imperialista. Para o filósofo húngaro, o debate sobre a crítica de Nietzsche à razão moderna se configurará como uma ofensiva irracionalista iniciada na Alemanha, terreno de expressão maior dessa “corrente dominante da filosofia burguesa reacionária”. Contexto este marcado pela “destruição da razão”. O irracionalismo se constituirá como um fenômeno internacional do período do imperialismo e, terá como principal referência, exatamente Nietzsche. Dessa forma, o ápice imperialista do irracionalismo revela de uma maneira muito pertinente o papel dirigente da Alemanha neste campo. Ao afirmar isso, diz Lukács (1959, p. 14)., “nos referimos, naturalmente, a Nietzsche, que se convirtió en modelo y guía de la reacción filosófica irracionalista”, tanto no que diz respeito ao conteúdo como ao método, desde os Estados Unidos até a Rússia da época do czar, “habiendo llegado a adquirir una influencia con la que no puede compararse ni de lejos ningún otro ideólogo de la reacción”.

O fenômeno do irracionalismo se destaca, sobretudo pela afirmação categórica da inexistência de um mundo objetivo exterior, ou que a realidade concreta só pode ser concebida à luz de múltiplas interpretações subjetivas operadas pelo sujeito cognoscente que não toma mais a materialidade do real em si como referencial de análise, pois, sobretudo partindo de Nietzsche, temos acompanhado um processo em que o pessimismo irracionalista vai solapando e destruindo a certeza de que existe realmente um mundo exterior objetivo e de que só um conhecimento em si do mundo pode nos oferecer uma fórmula para todos os problemas provocados pela desesperança.

Ressalta Lukács (1959, p. 70, *itálicos e aspas no original*), nesse sentido, que

El *conocimiento del mundo* va convirtiéndose aquí, cada vez más marcadamente, en una *interpretación del mundo* progresivamente arbitraria. Y esta tendencia filosófica viene a realzar, naturalmente, la actitud de esas capas sociales que todo lo esperan de la “superioridad”, pues no se trata, para ellas, tampoco en la vida real, del análisis frío y sereno de las concatenaciones objetivas, sino de una interpretación de decisiones, cuya motivación permanece por fuerza ignorada.

Lukács ainda afirma que Nietzsche é o fundador do irracionalismo, visto que a produção intelectual do filósofo alemão ocupa um lugar especial na trajetória dessa corrente filosófica moderna que se deve, de certa forma, as circunstâncias históricas em que o próprio filósofo atuou e, em parte “a sus extraordinarias dotes personales”. As atividades intelectuais de Nietzsche, segundo Lukács, finalizam precisamente nas vésperas do período imperialista e: “[...]. Es decir que mientras, por un lado en la época bismarkiana, vive todas las perspectivas de las luchas futuras y es contemporáneo de la fundación del Imperio [...]” e também “[...] la inauguración del imperialismo abiertamente agresivo por Guilherme II [...]”. Processos como a experiência da Comuna de Paris, o nascimento de um grande partido de massas do proletariado “pero, al mismo tiempo, y por otra parte, no llega ya a alcanzar, personalmente, el período imperialista [...]” (LUKÁCS, 1959, p. 253).

Nietzsche abarcou amplos campos da cultura e com seus aforismos engenhosos iluminou problemas candentes, enfatiza Lukács. O filósofo alemão entusiasmou espíritos descontentes, incentivando a rebeldia em muitos círculos intelectuais, com atitudes “aparentemente hiperrrevolucionarios y fascinadores”. A época da influência da filosofia de Nietzsche é substancialmente “cuando el declive de la clase, la decadencia, alcanza un grado tal”. A decadência ideológica da burguesia resplandecerá nas ideias filosóficas do criado do “super-homem”. Assim, “este cambio se manifiesta, ante todo, en un relativismo, un pesimismo, un nihilismo, etc., que parece complacerse consigo mismo [...]” (LUKÁCS, 1959, p. 255).

Nietzsche, como expressão maior do irracionalismo do contexto de decadência ideológica da burguesia, é destacado por Lukács (1959, p. 255-256), nas seguintes linhas:

Pues bien, Nietzsche, como psicólogo de la cultura, estético y moralista, es talvez el más ingenioso y multifacético expoente de este estado de espíritu consciente de sí mismo, de la decadencia. Pero su significación va todavía más allá, pues al mismo tiempo que reconoce la decadencia como el fenómeno fundamental de la trayectoria burguesa de su tiempo, se propone señalar el camino para salir de ella [...]. Este camino, que Nietzsche traza, no se parte nunca de la decadencia, profundamente entrelazada con la vida de los pensamientos y los sentimientos de esta capa social, pero el nuevo conocimiento introspectivo proyecta ahora sobre esta decadencia una luz: es precisamente en la decadencia donde alientan los auténticos gérmenes, preñados de futuro, de una verdadera y sustancial renovación de la humanidad.

A crítica de Nietzsche baseada no niilismo irracionalista é uma tentativa contundente, de abalar os pilares da cultura ocidental. Seu alvo é o “Cristianismo (Fim), o conhecimento científico (Unidade) e a Razão filosófica e moral (Verdade)”. Desse modo, a pós-modernidade se constitui como “[...] o momento em que tais valores, ainda atentos e fortes durante a modernidade industrial, entram em decadência acelerada” (SANTOS, 2012, p. 75). Nietzsche, opera teoricamente, explicitando suas ideias em obras como *Assim Falou Zaratustra* (2007) onde afirma que o “homem é algo que deve ser superado”, apresentando com isso o seu “Super-homem”. “O Super-homem é o sentido da terra [...]. O que é de grande valor no homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um ocaso” (NIETZSCHE, 2007, p. 25-27). A superação do homem decreta Nietzsche! Em outra obra de grande influência para a perspectiva pós-moderna: *Para além do bem e do mal* (2006), Nietzsche desenvolve sua tese da “vontade de potência”, das “relações das forças” e sua crítica da ideia de transcendência, de um mundo metafísico. Em sua percuciente análise crítica da modernidade com seu racionalismo e busca da objetividade dos fatos, afirma o filósofo alemão que não existem fatos e sim, interpretações. Esse subjetivismo na análise dos fenômenos sociais se constitui na teoria do conhecimento em Nietzsche conhecida como *perspectivismo*, ou seja, buscar os significados mais profundos da realidade pela pluralidade de olhares. No seu projeto de “transvaloração de todos os valores”, o filósofo busca nas experiências com o pensar, colocar em xeque a ideia de verdade universal projetada pela modernidade.

Compreendemos, dessa forma, que Nietzsche inaugura a crítica à modernidade decretando, outrossim, o fim do Homem, de Deus, da Ciência, das grandes Ideias. Sua rebeldia isolada é insana, petulante, eufórica, obsessiva; quer romper a todo instante os limites da própria existência, criando o novo, negando os valores e os princípios do projeto iluminista e sua noção de Progresso, de História Universal, de Verdade Científica Objetiva. Pulsa em seus escritos a emoção indignada, a paixão desmedida, a sanha em destruir a Razão, seu pessimismo niilista e seu pensamento irracionalista projeta um novo homem, ou melhor, um “além do homem”, talvez um pós-homem.

Com esse debate introdutório em tela, já podemos indicar que, enquanto uma corrente de pensamento, a pós-modernidade é inaugurada por Nietzsche. Mas, ao mesmo tempo, sentimos a necessidade de indagar se por sobre as orientações nietzschianas pode-se afirmar que se vive hoje uma época pós-moderna, que a modernidade não existe mais?

François Lyotard no livro *A condição pós-moderna* (1998)⁵, indicado por muitos estudiosos como o principal arauto da pós-modernidade, afirma que o contexto pós-moderno é inaugurado, precisamente, com a falência da metanarrativa da ciência moderna, a descrença com as concepções de mundo globalizantes e a coincidência com o surgimento de uma sociedade pós-industrial, pois,

[...], o projeto do sistema-sujeito é um fracasso, o da emancipação nada tem a ver com a ciência, está-se mergulhando no positivismo de tal ou qual conhecimento [...] as reduzidas tarefas da pesquisa tronaram-se tarefas fragmentárias que ninguém domina; e do seu lado, a filosofia especulativa ou humanista nada mais tem a fazer senão romper com as suas funções de legitimação (LYOTARD, 1998, p. 74).

O autor discute basicamente a crise de legitimidade do saber científico da modernidade. Segundo ele, a ciência moderna estaria solapada pelos novos processos tecnológicos-informacionais que estão, por sua vez, engendrando uma nova vida social e cultural possibilitando aos indivíduos traçarem novos caminhos de realizações no curso das constantes transformações do momento histórico atual, sem a necessidade de uma concepção teleológica da história. O livro de Lyotard funda a discussão sobre a pós-modernidade, como uma mudança geral na condição da humana.

Para José Paulo Netto, o livro de Lyotard, se tornou um marco fundacional para muitos intelectuais e “de praticamente todo o mundo ocidental”, pois a partir desse livro

[...] o pensamento pós-moderno assume o primeiro plano na cultura do Ocidente capitalista, irrompe nos domínios do saber, invade as manifestações estéticas, contagia as práticas políticas e, nas duas décadas seguintes, constituirá um campo teórico diferenciado e desencadeará a produção de uma bibliografia enorme, muito mais apologética do que crítica (NETTO, 2010, p. 256).

Lyotard, embevecido com os pressupostos teóricos do estruturalismo que, se baseia no fundamentado das análises da Linguística e da Semiologia, afirmará que os sujeitos sociais mantêm seus laços de sociabilidade mediados pela determinação dos *jogos de linguagem* (Santos, 2012).

5 Originalmente o livro de François Lyotard *A condição pós-moderna* foi publicado em 1979, num contexto histórico marcado pelas “transformações econômico-políticas e societárias operadas no mundo a partir dos anos 1970 [...]. Consideradas na sua inclusividade, tais mudanças operaram, sem quaisquer dúvidas, uma inteira reconfiguração da ordem do capital [...]” o que resultou numa situação econômica caracterizada pela “tendência a concentrar polarizadamente riqueza e pauperismo, no nível social a barbarizar a interação humana, no nível político a acentuar a antidemocracia e, em relação ao meio ambiente, a sua destrutividade [...]”, assim, nesse

Sobre essa questão Harvey (2012, p. 51, aspas do original) argumenta o seguinte:

Lyotard [...] toma a preocupação modernista com a linguagem e a leva a extremos de dispersão. Apesar de “o vínculo social ser linguístico”, argumenta, ele “não é tecido com um único fio”, mas por um “número indeterminado” de “jogos de linguagem”. Cada um de nós vive ‘na intersecção de muitos desses jogos de linguagem’, e não estabelecemos necessariamente “combinações linguísticas estáveis, e as propriedades daquelas que estabelecemos não são necessariamente comunicáveis”. Em consequência, “o próprio sujeitos social parece dissolver-se nessa determinação de jogos de linguagem”.

Dessa forma, a relação entre os indivíduos e o mundo é mediada pela dimensão da linguagem e os seus jogos retórico-discursivos de convencimento sobre os múltiplos significados da realidade, destituída de uma essência ontológica em-si. Esta mesma realidade seria, portanto, um mero produto de interpretações subjetivistas, não ultrapassando a camada da aparência fenomênica dos processos da existência real. Esse novo contexto propalado por Lyotard, se pretende como uma ruptura com o projeto da modernidade.

De acordo com as reflexões de Fredric Jameson (2006, p. 43), a emergência da pós-modernidade está diretamente ligada com o desenvolvimento de um novo momento do capitalismo tardio fundamentado no consumismo desmedido e na ausência de um sentido da história. Assegura o autor, dessa maneira, “que o surgimento do pós-modernismo está intimamente relacionado com o surgimento desse novo momento do capitalismo tardio de consumo ou capitalismo multinacional”. E prosseguindo:

[...]. Creio também que os seus aspectos formais expressam de muitos modos a lógica mais profunda desse sistema social particular. Entretanto, só serei capaz de demonstrar isso em relação a um único tema maior, a saber, o desaparecimento do sentido de história, o modo pelo qual todo o nosso sistema social contemporâneo começou, pouco a pouco, a perder a capacidade de reter o seu próprio passado, começou a viver em um presente perpétuo e em uma mudança perpétua, que obliteram as tradições do tipo preservado, de um modo ou de outro, por toda informação social anterior [...] (JAMESON, 2006, p. 43-44).

Em linhas gerais, a tese central de Jameson de que o pós-modernismo constitui a lógica cultural do capitalismo tardio, foi decididamente influenciada pelo livro de Ernest Mandel *O capitalismo tardio* (1985), que de uma perspectiva marxista “teorizou sobre o terceiro estágio do capitalismo”. Pois, foi exatamente isso que tornou possível os próprios pensamentos do autor acerca do pós-modernismo, “que devem, a partir de então, ser entendidos como uma tentativa de teorizar sobre a lógica específica da produção cultural nesse terceiro estágio”, e não como uma “crítica cultural” desmaterializada ou como uma identificação e determinação “do espírito do tempo” (JAMESON, 2006, p. 68). As mudanças

que circunscreviam à esfera da produção cultural seriam amplas e abarcariam muitas dimensões da existência humana.

David Harvey, sobre essas mudanças, (2012) destaca que desde 1972 mais ou menos, vem ocorrendo “uma mudança abissal” nas práticas culturais, políticas e econômicas e, que essa “mudança abissal” está diretamente relacionada com a emergência de novas maneiras de se compreender as noções de tempo e espaço. Nesse sentido, o geógrafo sustenta no seu livro *Condição pós-moderna* que há um certo tipo de relação necessária entre a “ascensão de formas culturais pós-modernas” e a emergência de “modos mais flexíveis de acumulação do capital”. Para Harvey, uma compreensão mais apropriada e aprofundada da natureza do pós-modernismo requer “não tanto como um conjunto de ideias quanto como uma condição histórica [...]” (HARVEY, 2012, p. 9).

Entendendo a pós-modernidade como uma condição histórica, Harvey busca demonstrar que existe possibilidade de se escrever a “geografia histórica da experiência do tempo e do espaço” na vida em sociedade, bem como o processo de transformação pelo qual ambos têm passado, tendo como referência essencial as “condições sociais e materiais”. Nesse sentido, assevera o autor:

A crise de supracumulação iniciada no final dos anos [19]60, e que chegou ao auge em 1973, gerou exatamente esse resultado. A experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada e as explicações deixaram o âmbito dos fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas (HARVEY, 2012, p. 293).

Todas essas especificidades marcam a emergência do pós-modernismo como resultado de um processo histórico de mudanças no padrão de acumulação do capital que se reflete em novas práticas estéticas, culturais e políticas, produzindo de forma significativa, “a partir do fluxo da experiência humana”, novas maneiras de se compreender o tempo e o espaço.

A perspectiva crítica de Alex Callinicos (1995) aponta para uma compreensão do pós-modernismo como um reflexo das expectativas políticas frustradas da geração do movimento revolucionário de 1968. O pós-modernismo para o autor não seria um fenômeno cultural ou intelectual significativo de uma determinada etapa do capitalismo atual, mas sim uma evidência sintomática dessa decepção quanto às expectativas políticas de 1968.

Callinicos desenvolve uma crítica contundente aos postulados teóricos do pós-estruturalismo que têm em Derrida, Foucault e outros a principal expressão de uma irracionalidade idealista.

Analisando a partir de um plano abrangente, Callinicos relaciona o pós-modernismo à convergência de três tendências culturais distintas: 1) certo cambio nas artes como “respecto as duas décadas anteriores – em concreto, a reacción contra do International Style em arquitetura asociouse con nomes como Robert Venturi e James Sterling [...]”; 2) A filosofia que fundamentava conceitualmente os temas expressados pelos artistas contemporâneos, que tinha como principais expoentes um grupo de filósofos que se destacaram na década de 1970 “coa etiqueta de ‘postestruturalismo’” eram eles: Guilles Deleuze, Jaques Derrida e Michel Foucault. “[...]. A pesares dos seus moitos desacordos, eles tres sinalaron o carácter plural, fragmentario e heteroxéneo da realidade, negaron ao pensamento humano a capacidade de chegar a calquera relato obxectivo desa realidade [...]”, nesse sentido, reduzirão o portador deste pensamento, o sujeito, “[...], a unha incoherente mestura de impulsos e desexos sub- e transindividuais” e 3) a passagem de uma economia industrial para a sociedade do conhecimento, essa versão das transformações supostamente sofridas pelas sociedades ocidentais foi preconizada por sociólogos como Daniel Bell e Alain Touraine, pois, de acordo com esses teóricos “[...] o mundo desenvolvido estaba a experimentar a transición dunha economia baseada na produción industrial em masa a unha na que a investigación teórica sistemática é o motor do crecemento [...]” e que teria enormes implicações sociais, políticas e culturais (CALLINICOS, 1995, p. 18-19).

Os “tempos novos”, tão glorificados pelos pós-modernos se constitui na presença decisiva, na vida cotidiana, da substituição da antiga economia baseada no padrão fordista de produção em massa para uma “pós-fordista” mais flexível e fundamentada na tecnologia da informação e da robótica. Desse modo, assevera com convicção o autor que:

Este é pois o terreno definido na discusión do postmodenismo – um mundo transformado socialmente que tanto a arte Post-moderna como a filosofia postestructuralista refliten, pero no que tamén participan e que require um novo tipo de política. Bem, eu rexeito todo isto. No penso que vivamos em ‘Tempos Novos’, nin nunha ‘era postindustrial e postmoderna’ fundamentalmente diferente do modo de produción capitalista imperante nos dos últimos séculos. Eu nego as teses principais do postestructuralismo, que coído son falsas na súa esencia. Moito dubido eu que a arte Postmodernista represente unha ruptura cualitativa co Modernismo de principios de século (CALLINICOS, 1995, p. 22, aspas no original).

A ideia de que poderíamos estar vivendo em “tempos novos” não é consentida por Callinicos. O autor rejeita, contundentemente, as teses do pós-modernismo e, dentre as

principais que lhe interessam no livro é, a ideia de que realmente possa existir uma distinção deveras constituída entre modernismo e pós-modernismo como duas épocas separadas na história da arte e, como afirma o próprio historiador: “[...] Se, como eu mantenho, no se pode [...]” existir tal separação. Assim, Alex Callinicos problematiza a tese do surgimento de uma época pós-moderna levantando questões como: de onde surge este prolífero discurso sobre a pós-modernidade? E por que na década anterior uma grande parte da inteligência ocidental chegou a se convencer de que tanto o sistema socioeconômico como as práticas culturais estão sofrendo uma ruptura fundamental com o passado recente?

No intercurso desse debate acerca das determinações essenciais do pós-modernismo, Ellen Meiksins Wood (1999, p. 9-10, aspas no original) situa sua reflexão enfatizando o seguinte: “[...] Embora reconheça diversas influências – de filósofos antigos, como Nietzsche, a pensadores mais recentes, como Lacan, Lyotard, Foucault e Derrida –, o pós-modernismo atual descende, acima de tudo, da geração de 1960 e dos seus estudantes.” Esse pós-modernismo, afirma a autora, “[...] é produto de uma consciência formada na chamada idade áurea do capitalismo, por mais que se possa insistir na nova forma do capitalismo (“pós-fordista”, “desorganizada”, “flexível”) da década de 1990”.

A suposição epistemológica, marcadamente pós-moderna, considera que “o conhecimento humano é limitado por línguas, culturas e interesses particulares” e que a ciência não deve aspirar conhecer a realidade constituída em si mesma. Sendo assim, “[...] Se o padrão da *verdade* científica reside não no mundo natural em si, mas nas normas particulares de comunidades específicas, então as leis da natureza talvez nada mais sejam que aquilo que uma dada comunidade diz que elas são em um dado momento” (WOOD, 1999, p. 12).

Mesmo não sendo todos os intelectuais pós-modernistas que afirmem conscientemente essa forma de relativismo, tal postura teórica parece ser “uma consequência inevitável de seus pressupostos epistemológicos”. No entanto, como vai dizer Ellen Wood (1999, p. 12, *itálicos nosso*).:

[...], no mínimo, o pós-modernismo implica uma rejeição categórica do conhecimento *totalizante* e de valores *universalistas* – incluindo as concepções ocidentais de *racionalidade*, de idéias gerais de igualdade (sejam elas liberais ou socialistas) e a concepção marxista de emancipação humana geral. Ao invés disso, os pós-modernistas enfatizam a *diferença*: identidades particulares, tais como sexo, raça, etnia, sexualidade; suas opressões e lutas distintas, particulares e variadas; e *conhecimentos* particulares, incluindo mesmo ciências específicas de alguns grupos étnicos.

Essas determinações essenciais do pós-modernismo implicam, segundo a autora, “em rejeitar” as preocupações e interpretações econômicas “tradicionais de conhecimento da esquerda”, notadamente a economia política e, como um todo, “repudiar” todas as metanarrativas universais, “tais como as idéias ocidentais de progresso, incluindo as teorias marxistas de história”. E dentre todos os elementos do pós-modernismo aqui evidenciados “o fio principal que perpassa todos esses princípios pós-modernos” é o notório destaque à “natureza fragmentada do mundo e do conhecimento humano”. Portanto, “[...]. As implicações políticas de tudo isso são bem claras: o *self* humano é tão fluido e fragmentado (o “sujeito descentrado”) e nossas identidades, tão variáveis, incertas e frágeis” que não há mais espaço para a solidariedade de classe e luta coletiva fundamentada em “uma ‘identidade social’ comum”, inspirada em ideias comuns (WOOD, 1999, p. 13).

Compreendemos, assim, de um modo geral, que essa postura intelectual de rejeição da ciência moderna, da razão e a afirmação da ideia de crise dos paradigmas, dentre as várias características que situam a pós-modernidade, se constituem, como os aspectos mais evidentes desse novo contexto histórico. Frederico Costa, sobre esse ambiente de discussão, clarifica com precisão crítica que:

[...] a razão é expulsa de todas as esferas da vida social. Nem na academia o chamado ‘templo do saber’, a razão encontra guarida. Principalmente, na área das chamadas ciências humanas. É aí que, após uma suposta crise de paradigmas, houve a proliferação de todo tipo de ‘pós’ e de novidades, muitas vezes sem nenhuma coerência interna ou qualquer lastro em uma práxis transformadora do real, indicando que o combate à razão e o culto ao efêmero passaram a ser moedas correntes no ‘pensamento universitário’ (2004, p. 66-67, aspas no original).

A constatação do autor evidencia essa característica marcante no pensamento pós-moderno que, é a deslegitimação da razão universal, como pressuposto de entendimento da totalidade das relações sociais no processo da evolução das sociedades ao longo da história, pautada no postulado da verdade objetiva e, na noção de continuidade histórica tecida pelo fio condutor das temporalidades passado, presente e futuro. Com efeito, o pensamento pós-moderno influi nas posturas teóricas e políticas formuladas pelos intelectuais afinados com essa corrente de pensamento. Nesse sentido, nos remetemos mais uma vez a Frederico Costa que assevera o seguinte:

A coisificação das relações sociais sob a forma de imagens, o dilaceramento do indivíduo entre uma objetividade funcional inumana e uma subjetividade

ensimesmada impotente, o fosso crescente entre o público formal e o privado sem sentido, a submissão à indústria cultural e ao consumismo, os limites impostos pela alienação a uma compreensão ontológica do real, o fetichismo da linguagem, a fragmentação imposta pelo mercado compõem os adornos do intelectual ‘pós-moderno’ (2004, p. 77-78).

No seio dessas questões, Sérgio Lessa (2005, p. 70) evidencia que na realidade do mundo capitalista no qual vivemos, a “mercadoria assume, na ideologia cotidiana, o estatuto ontológico da transcendentalidade: como substrato último e imutável, seria o suporte de toda e qualquer existência concebível”. Parece que nada existe fora do mercado e que todas as transformações no mundo são operadas em função deste. Essa é a ilusão e a concepção frouxa e irracional de mundo que permeia o contexto histórico dito pós- moderno, pois segundo Lessa (2005, p. 72):

É por isso que, do ponto de vista da reprodução dos indivíduos e dos complexos ideológicos mais diretamente associados, o mundo em profunda transformação em que vivemos termina sendo o fundamento material para a ideologia em tudo conservadora. E, a partir de tal concepção de mundo, aceita-se acriticamente a irracionalidade de uma sociabilidade na qual as relações sociais se reduzem à relação entre mercadorias.

A partir dessa reflexão, compreendemos que as transformações em curso do momento histórico atual, evidenciam, significativamente, as características de uma sociedade fundada em um processo de relações humanas entre coisas. Isto é, na dita pós-modernidade, todos os aspectos da vida são mercantilizados, desse modo, as relações sociais são radicalmente mediadas e medidas por mercadorias. De um modo geral, a crise do capitalismo atual atingiu em cheio o ser humano em seu processo de produção das condições materiais de existência, submetendo este ao domínio do fetichismo generalizado da sociedade da mercadoria e, por conseguinte, da alienação e negação da realidade objetiva.

NOTAS CONCLUSIVAS

O contexto histórico atual, marcado significativamente pela ideia de que estamos vivendo numa época pós-modernidade se constitui, assim, como um momento de crise generalizada; instabilidades econômicas, decadência política, submissão às coisas, individualismo exacerbado, derrocada dos valores humanos. A humanidade vive um período de decadência e de ausência de horizontes de expectativas. Desse modo, um fosso abissal entre a realidade objetiva e os valores éticos se aprofunda cada vez mais, se constituindo

numa tendência geral de degradação da vida humana. O filósofo marxista Ivo Tonet (2007, p. 52) aponta em suas ponderações os aspectos característicos desse período de decadência:

Mas, não é apenas no âmbito da produção e do acesso à riqueza material que se verifica essa decadência. É na degradação do conjunto da vida humana, na crescente mercantilização de todos os aspectos da realidade social; na transformação das pessoas em meros objetos, e mais ainda, descartáveis; no individualismo exacerbado; no apequenamento da vida cotidiana, reduzida a uma luta inglória pela sobrevivência; no rebaixamento do horizonte da humanidade que leva a aceitar, com bovina resignação, a exploração do homem pelo homem sob a forma capitalista, como patamar mais elevado da realização humana.

Nas trilhas dessas reflexões, afirmamos que a relação entre pensamento pós-moderno e crise estrutural do capital se constitui numa determinante reciprocidade. Primeiro porque o pensamento pós-moderno ao não fazer ou se omitir deliberadamente de desenvolver, uma crítica radical e profunda ao capitalismo hoje em crise com todas as suas consequências nefastas para a humanidade, no nosso entender, então, esta corrente de pensamento corrobora com o sistema, ou melhor, dizendo, constitui o aporte teórico do sistema em crise.

E mais do que isso, o pensamento pós-moderno ao negar a própria essência ontológica do real por meio de suas proposituras teóricas, desconsidera a possibilidade de apreensão da verdade objetiva da realidade.

A sociedade contemporânea, perpassada inteiramente pela lógica destrutiva do capital em crise, espelha diretamente em muitas dimensões sociais, os pressupostos do modismo do pensamento pós-moderno. Exemplo disso é “[...]. A especialização estreita e idiotizante, a reclusão no interior dos muros das instituições acadêmicas, os contatos quase sempre limitados aos seus pares”, o que resulta, de certo modo, no sentido de contribuir, de forma significativa, “para que as novas gerações dos *intelectuais específicos* identifiquem as *suas* representações com a realidade ou, mais exatamente, tratem as *suas* representações como a realidade [...]” (NETTO, 2010, p. 264, *itálicos do original*).

Com efeito, o pensamento pós-moderno ao produzir um discurso interpretativo sobre a realidade se rebaixa ao cotidiano alienado, uma vez que suas proposições teóricas não tomam a realidade existente em si, ou a essência do real como referente fundamental para as análises, mas, a própria representação simbólica autorreferenciada de suas apropriações teóricas subjetivistas. Assim, o rigor da análise é preterida, uma vez que o predomínio das interpretações subjetivistas caem num idealismo, redundando num relativismo perigoso de que tudo é uma questão interpretação, a questão é o olhar. Sendo isso, o pensamento pós-

moderno é não-sistemático, pois não leva em conta uma metodologia rigorosa de apreensão dos fatos em sua essência ontológica, a coisa em si, resultando assim, num “ecletismo metodológico”.

A redução teórica nessa “caída idealista” se apresenta, principalmente, na “entificação da razão moderna” pelos pós-modernos, no preciso sentido em que estes creditam à razão moderna a responsabilidades pelas “falácias” que se embutiram das “promessas” da modernidade, como por exemplo o controle aperfeiçoado da natureza e a “interação humana emancipada”. Desse modo, para os pós-modernos, “na imanência da razão moderna” o aspecto instrumental estaria inequivocamente voltado para a dominação da dimensão emancipatória. As conquistas da razão moderna são vistas, assim, pelos pós-modernos como constituintes das realidades da “sociedade urbano-industrial” bem como “com a sua coorte de sequelas deletérias”, destaca José Paulo Netto.

Entendemos dessa maneira, que o discurso pós-moderno imputa às conquistas da modernidade, a partir do projeto da razão emancipadora, a responsabilidade pelas desastrosas consequências das duas grandes guerras mundiais do século XX, o holocausto perpetrado pelos nazistas, a emergência do fascismo e a ditadura burocrática estalinista. Para os pós-modernos, essas realidades histórico-sociais nefastas, foram resultado das consecuições da razão instrumental moderna.

O pensamento pós-moderno constitui um espelho das características mais decisivas da sociedade, que hoje entendemos, é perpassada por uma crise estrutural do capital. Esta corrente de pensamento expressa em seus postulados teóricos, os aspectos fenomênicos desta forma de sociabilidade, constituída em sua essência (que é negada em sua objetividade concreta e real) pela ideia da fragmentação, do insulamento da vida social, o predomínio da sensação do efêmero das relações sociais nos grandes centros urbanos, o individualismo exacerbado e egoísta do modo ser dos indivíduos na sociedade burguesa, a alienação da vida cotidiana, fortemente marcada pela espetacularização dos acontecimentos sociais, divulgados por uma rede midiática de informações, manipuladas pelos gestores do capital em crise, associados em grandes empresas interligadas pelos interesses políticos em comum, constituindo assim, um monopólio integrado na perpetuação do poder. Indubitavelmente, o pensamento pós-moderno, corrobora legitimamente com a crise estrutural do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.

CALLINICOS, Alex. **Contra o Postmodernismo**: Uma crítica marxista . Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1995.

COSTA, Frederico. Elementos de compreensão do pensamento pós-moderno: o irracionalismo como subproduto da crise do capital. In: JIMENEZ, Susana Vasconcelos e RABELO, Jaqueline (Orgs). **Trabalho, Educação e Luta de Classes**: a pesquisa em defesa da história. Fortaleza: Brasil Tropical, 2004.

COUTINHO, C. N. **O estruturalismo e a miséria da razão**, expressão popular, 2010.

DURANT, Will. **Os pensadores**: a história da filosofia. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola (22ª edição), 2012.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LENIN, V. I. **Imperialismo, estágio superior do capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LUKÁCS, Georg. **El asalto a la razón**: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hittler. México: Fondo de cultura económica, 1959.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. 5ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

ROMERO, Daniel. **Marx e a técnica**: um estudo dos manuscritos de 1861-1863. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

SANTOS, Deribaldo; COSTA, Frederico. A crise estrutural do capital: o verdadeiro mal-estar da contemporaneidade. In: SANTOS, Deribaldo; COSTA, Frederico; JIMENEZ, Susana (Orgs). **Ontologia, estética e crise do capitalismo contemporâneo**. Fortaleza/Campina Grande: EdUECE/EdUFCG, 2012.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WOOD, Ellen Meiksins. **O que é a agenda “pós-moderna”?**. In: WOOD, Ellen Meiksins e FOSTER, John Bellamy (Orgs). **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

TONET, Ivo. Ética e capitalismo. In: JIMENEZ, Susana, SOARES, Rômulo, CARMO, Marilene, PORFÍRIO, Cristiane (Orgs). **Contra o pragmatismo e a favor da filosofia da práxis: uma coletânea de estudos classistas**. Fortaleza, EdUECE/IMO, 2007.